

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria de Jesus Castanheira

registada em 2008-09-26
por

Susana Pires e Jenny Campos

Maria de Jesus Castanheira

Maria de Jesus Dias Fontinha Castanheira nasceu no dia 23 de Maio de 1944, na Covita, onde esteve até casar. O pai era António Paulo Fontinha e a mãe Maria dos Anjos. O pai trabalhava no campo, mas depois foi para as Minas da Panasqueira. Era pedreiro. Lá trabalhou até se reformar. Depois de se reformar voltou para o trabalho no campo. A mãe também trabalhava no campo. Tiveram oito filhos. Com 7 anos entrou para a escola, nos Chãs d'Égua. Andou até à quarta. Depois da escola foi trabalhar. O pai tirou-a para ir trabalhar à serventia, a acartar pedra. Trazia a pedra à cabeça. A seguir foi trabalhar na agricultura. Ajudar a cavar a terra. Conheceu o marido logo desde pequenino. Namoraram sete anos. Depois ele fez o pedido. O casamento foi em Fátima, no dia 20 de Julho de 1991.

Índice

Identificação Maria de Jesus.....	4
Ascendência António Paulo Fontinha e Maria dos Anjos.....	4
Infância Entre as brincadeiras e o trabalho.....	6
Casa Pequena para tantos.....	8
Educação Com um xailezito pela cabeça.....	9
Religião "Tínhamos de decorar".....	9
Namoro Quase irmãos.....	10
Casamento "Ia muito bonita".....	11
Percurso profissional Carregos de pedra e barro.....	11
Costumes Memórias de outros tempos.....	12
Lugar Passado e futuro.....	16
Sonhos "Nisto vou morrer".....	18
Avaliação Os novos não sabem.....	19

Identificação *Maria de Jesus*

O meu nome é Maria de Jesus Dias Fontinha Castanheira. Nasci no dia 23 de Maio de 1944, na Covita. E ali estive até me casar.



Maria de Jesus Castanheira aos 25 anos

Ascendência *António Paulo Fontinha e Maria dos Anjos*

O meu pai era António Paulo Fontinha e a minha mãe Maria dos Anjos. O meu pai era do Piódão, a minha mãe era da Covita. Quando o meu pai veio para a Covita trabalhava no campo, mas depois foi para as Minas da Panasqueira. Era pedreiro. Lá trabalhou até se reformar. Depois de se reformar voltou para o trabalho no campo. Ele trabalhava muito. Não sei bem quantos anos estive nas minas porque quando ele foi para lá ainda eu não era nascida. Era muito longe de casa para lá. Eram umas três horas e tal a pé. Fazia esse caminho todas as

semanas. Vinha aos sábados à noite e ia embora ao fim do domingo, à tarde, para no outro dia trabalhar. Ele sempre levava alguma coisita de comer, mesmo para a semana, e depois compravam lá qualquer coisa. A gente ia levar ao alto da serra, alguma coisa de comer, broa, feijão, umas batatas e conduto. A gente ia levar e ele levava para lá. Lembro-me muito bem.



**Pai de Maria de Jesus Castanheira nas Minas da
Panasqueira (o do meio na 2ª fila com um garrafão na mão)**

A minha mãe também trabalhava no campo. Cultivava milho, antigamente, botava-se muito milho, batatas, feijão, hortaliça. Agora neste tempo pimentos, cebola, tudo. Era um pouco de tudo que cultivavam. Para criar os filhos. Éramos oito filhos. Era muita gente e a minha avó também a ajudava em casa. A minha avó é que foi a minha segunda mãe. Que nos ajudou a criar.

Os meus pais eram muito bons. Não podiam ser melhores. Eu nunca me lembra de o meu pai ou a minha mãe me bater. Não podiam ser melhores. E eu também era muito boa para eles. Nunca se chateavam. E com a minha avó guardávamos um respeito que eu sei lá. O que a minha avó dizia nós tínhamos de fazer. Se a gente não fizesse, ao sábado quando o meu pai viesse, ela contava-lhe: -"Olha ele não fez isto ou não fez aquilo".

Ele só olhava para a gente, não era preciso mais nada. Nunca nos bateu. Só olhava para a gente e já sabia o que tinha de fazer. Não podiam ser melhores.



Pais e sobrinho de Maria de Jesus Castanheira

Infância *Entre as brincadeiras e o trabalho*

Brincadeiras com a irmã

Quando era miúda brincava com a minha irmã Alice. Nós somos as mais novas, por isso brincávamos muito. Às vezes a fazer que batíamos uma na outra, mas tudo na paródia. Também brincava com uma rapariga que havia da parte de cima da Covita, de umas casas em cima. Éramos da mesma idade, a gente brincávamos muito. E quando era aos domingos, quando era para levar os carrinhos para o meu pai, para as minas, ao fim havia muita rapariga nova, rapazes e púnhamo-nos lá nos bailes, até tarde a dançar. A gente queria era brincar. A malta nova já se sabe como é que é, uns com os outros. Era uma brincadeira.

Faziam muitos bailes, ali aos domingos. Hoje é que não há ninguém. Ao fim também começaram os meus irmãos a irem ganhar alguma coisa fora. Outros foram para a tropa. Lembro-me do meu irmão, aquele que anda com as canadianas, que íamos para o gado, mas eu, às vezes, não queria ir. Ele então ralhava-me para ir com ele, porque ele não podia. Não queria ficar em casa. E eu tinha de ir. Ele era mais velho. Nós tínhamos vacas, ovelhas e cabras. Também

trabalhávamos muito. Ajudávamos os pais, aí com 14, 15 anos. Tinha de ser porque só o meu pai não dava para sustentar tanta gente. Ele foi reformado com 300 escudos, naquela altura.

"Não me lembro de querer comer e não ter"

Eu nunca me lembro de querer e não ter nada para comer. Trabalhávamos muito, mas nunca nos faltou comer. Houve lá vizinhos que ainda hoje dizem que passaram muita fome, mas nós não. Andava lá uns vizinhos meus, coitados, também eram muitos irmãos e o pai não tinha posses. Até tenho um irmão, o mais velho, que diz ele que quando às vezes ia para o mato tomava um bocado de pão de milho e levava outros bocados para os outros colegas que iam com ele. Para lhes dar, para irem comendo e andando para o mato. Nunca se esquece. Nós ainda assim até à data, nem eu nem os meus irmãos nenhum dia se passou fome. Comíamos o que havia.

O que havia mais era batatas, feijão, grão, hortaliças. A gente matava o porquito, e às vezes, a gente comprava qualquer coisa por fora quando saía. E assim tinha de se remediar todo o ano. É que era. Quem cozinhava em minha casa era a minha mãe e a minha avó. Quando podiam. Mais tarde, era eu e a minha irmã.

A minha avó também ia à feira. Primeiro era a Lourosa, mas à Lourosa nunca me lembra de ir. Ao fim começou em Avô, aí ia muitas vezes. E agora a feira é na Vide. Era de mês a mês. Ia lá buscar alguma coisa para comer. Sardinha, alguma coisa de bacalhau, mercearia. A gente tinha de lá ir buscar tudo. Às vezes quando cultivávamos batatas, não tínhamos batatas que chegassem para todo o ano, então também tínhamos de lá ir buscar, à cabeça. Levávamos uma cesta, enchíamos a cesta cheia, e trazíamos à cabeça por aí cima. Aí umas três horas de Vide para cima com um carregó à cabeça. Quando era no Verão carregos grandes. A gente chegava aqui já cansada de todo. Não havia outros transportes. Não havia estrada para nos virem vender nada. A gente tinha de ir buscar se queria comer. Passámos um bocado duro. Essas pessoas mais antigas ainda foi pior que nós. A minha avó comprava-nos umas sapatilhas de pano por fora, e pneu por baixo. Como o pneu era muito baixinho começou-se a virar ao contrário. Mas quando ela trazia alguma coisa a gente ficava mais contente.

À procura de uma profissão

Os meus irmãos começaram a sair de casa muito cedo. Um foi aprender de sapateiro. Está em Lisboa e foi para Vale de Maceira aprender de sapateiro.

Outro foi aprender de alfaiate, foi para o Chãs d'Égua. E os outros começaram a ir para a tropa, ao fim casaram, foram lá para Lisboa. A profissão de sapateiro também era muito chato. Tinha de se andar a levar o calçado para o Piódão, sacas de calçado. Às vezes eu é que tinha de ir com eles para levar uma saca de calçado à cabeça. Aquilo era chato e dava pouco. Tinha de ir à Vide buscar os materiais, a sola, os pneus. Tudo para o calçado. Iam a Oliveira do Hospital comprar. Iam de camioneta para a Vide. E de Vide é que a gente tinha de ir comprar as coisas a pé. O meu irmão fazia botas de pneu, com pneu por baixo. Pneu dos carros. Há a vender nas feiras. Depois punha por cima cabedal e fazia a bota. Desbastam um bocadinho naquelas partes mais altas e dali é que fazem o calçado. Para durar não havia como isso. Ainda há dias disse para o meu irmão:

- Se tu me pudesses fazer um desses isso assim é que dava para a minha vida.

Mas agora já não pode fazer. Era preciso muita força para puxar as linhas para coser.

Casa Pequena para tantos



**Maria de Jesus Castanheira com os irmãos
(da esq. p/ a dta.: Carlos, Luciano, Ilda, Maria,
Alice, António, José e Homero), Ourém, 1991**

Eu e os meus irmãos nascêramos todos na mesma casa, na Covita. Era uma casa pequena para a família que era. Mas criáramos lá todos, e quem me dera lá estar ainda hoje. Era em xisto. Mas já foi arranjada, e já está modificada. Tinha a loja no fundo, que era onde se punha os pipos do vinho. Por cima tinha

uma sala, dois quartos e a cozinha. Por cima era o sótão, mas o sótão era uma coisa pequenininha. Não dava para pôr nada. Assim a bem dizer. A gente lá se remediava. Mais tarde, o meu pai, fez mais uma casita, que agora também está arranjada e ao fim ainda fez outra. Tinha eu uns 15 anos mais ou menos. Assim, ao fim, já tínhamos mais largueza. Porque começaram a ter noras e genros, e as casas eram pequenas para a família que era. E começou a acrescentar. Os filhos também davam uma ajuda. O meu pai, por fim, até me tirou da escola para ajudar a acartar pedra e acartar barro. Tínhamos de ajudar todos.

Educação *Com um xailezito pela cabeça*

Eu devia ter uns 7 anos quando entrei para a escola, nos Chãs d'Égua. Era na parte de cima onde agora estão as gravuras rupestres. Quando passou a estrada escangalharam a escola e fizeram da parte de baixo. Eu ainda andei na de cima. Andei até à quarta. A minha professora batia-me muito. Era da Aldeia das Dez. Era boa, para ensinar era boa, mas batia muito com uma régua. A gente nunca chegava às horas, punha-se na brincadeira uns com os outros e ela batia. Eu era novinha mas antes de ir para a escola, ainda tinha de ir ao mato primeiro. A escola abria às nove. E a gente chegava atrasada, já abalava atrasada de casa. Levantava-me cedo para ir ao mato, chegava a casa, comia alguma coisa e ainda ia aquele bocado grande a pé lá de baixo para ir lá para cima. Então já chegava atrasada e a professora batia-nos. Às vezes também não tinha culpa. Mas bem tudo se passou. Para o almoço levava batatas fritas, às vezes com ovos, salsichas, uma coisa qualquer, ou arroz, massa. Tinha de ser. Queijo, também tínhamos muita fartura de queijo. Era o que havia.

Quando estava a chover íamos na mesma à escola. Chegávamos todas molhadinhas, com um xailezito pela cabeça. Um xailezinho com umas franjas em volta. Mais o saquito dos livros e o saquito do comer. E lá íamos nós. A escola não tinha lareira, não tinha nada. Estávamos todo o dia molhadinhas até à noite. Só chegávamos a casa à noitinha. E quando voltávamos da escola ainda tínhamos de ajudar. Às vezes vínhamos mais cedo e ainda tínhamos que ajudar a guardar o gado na quinta. E tratar delas à noite. Era muita terra e só tínhamos o pessoal de casa. Estudar alguma coisa tinha de ser só de noite. À luz do candeeiro que não havia ainda electricidade.

Religião "*Tínhamos de decorar*"

Andei na catequese, no Piódão. Era o padre que agora vai lá celebrar a missa, que está na Moura da Serra, era ele que ainda andava a aprender para padre que nos dava a catequese. E era também outro senhor que andou a estudar para padre. Mas ao fim deixou-se disso e até foi para médico. Mas também batiam muito. Não aprendíamos como eles queriam. Tínhamos de decorar. Ao fim perguntavam para a gente dizer. Às vezes atrapalhávamo-nos e eles batiam-nos. A gente ia à missa, e no fim é que íamos à catequese. Era aos domingos.

Namoro *Quase irmãos*



Casamento de Maria de Jesus Castanheira (Alice, sogra Laurinda, marido, Maria, sogro Artur, António Romão)

Eu e o meu marido éramos vizinhos. Eu conheci-o logo desde pequenino, era mais velha do que ele. E conheci-o logo quase quando ele nasceu. Ele nasceu na Mourísia, mas veio para Chãs d'Égua com quase 5 anos, pouco mais. O nome dele é José Joaquim Castanheira. Ele ia ajudar a cavar as minhas terras. Começámos a falar um com o outro. E assim aconteceu. A gente conhecia-se já como se fosse quase irmãos. Éramos aqui vizinhos. A gente via-se todos os dias, falava-se todos os dias uns para os outros. Mas ainda namorámos muito tempo. Alguns sete anos. Depois fez-me o pedido, se eu queria casar com ele.

Quando estava para casar faleceu o meu pai, daí uns dias faleceu a minha mãe e esperámos um tempito. Tivemos logo azar.

Casamento "*Ja muito bonita*"

O casamento foi em Fátima, no dia 20 de Julho de 1991. Só chamei a família. Como nos tinham falecido os pais não chamámos ninguém. Então pensámos ir a Fátima. Porque a minha família estava toda em Lisboa. Estavam outros irmãos em Chãs d'Égua. Então pensáramos em dividir o caminho ao meio. Ao fim viéramos almoçar a Ourém. Mas correu bem. Faltou-me lá o melhor.

Eu ia muito bonita, ia de vestido. Comprei feito em Oliveira do Hospital. O meu marido ia de roupa castanha às risquinhas e de camisa branca de seda às risquinhas. Também ia muito bonito. De sapato castanho com raminhos à frente.



Casamento de Maria de Jesus Castanheira e marido

Percurso profissional *Carregos de pedra e barro*

Depois da escola vim trabalhar. O meu pai tirou-me para eu vir trabalhar à serventia, a acartar pedra. Trazia a pedra à cabeça. Por isso é que eu hoje soffro muito da coluna. Dos carregos de quando era mais nova. A maior trazia-a à cabeça e aquela que era mais miúda púnhamos numa cesta e púnhamos a cesta à cabeça. A subir e a descer durante um quarto de hora, mais ou menos, com o carrego à cabeça. Mas era sempre, chegava a gente uma vez e abalava logo. Era

o dia todo naquilo. Para trás e para diante, a acartar. O barro era na parte de cima da estrada. É que a gente ia buscar o barro.

A seguir fui trabalhar na agricultura. Ajudar a cavar a terra. A semear milho. Até a ajudar na Foz d'Égua, e no Torno. Os homens cavavam a terra e a gente ia semear o milho por trás. A gente ia fazer dois dias para ao fim o homem me ir ajudar um dia. Era troca por troca. Nunca ganhei um tostão na minha vida. Eu também precisava que viessem cavar a nossa terra, então nós íamos ajudar a semear o milho. Ia ajudar quando era a cavar as terras porque não havia tractores. Os tractores eram a enxada, eram os braços. Era tudo transportado às costas e à cabeça. Sacas de milho, estrume, mato, tudo. Tanto molho de mato que eu fui buscar!

Costumes *Memórias de outros tempos*

Queijo maciinho

Para fazer os queijos primeiro ordenhava o leite às vacas, às ovelhas e às cabras. Eu até gostava muito de tirar. No fim trazia-o para casa, punha-o numa panela de alumínio ou de barro. A gente punha-lhe um bocadinho de coalho. O coalho há a vender nas farmácias, um bocadinho de pó nuns frasquinhos. Deixava estar ali três quartos de hora a coalhar. Vendo que estava toda coalhadinha a gente tinha uma bacia, punha o acincho de cima, a gente ia botando a coalhada para dentro, ia pondo assim as mãos por cima do queijo e ia espremendo o soro. E como o acincho tinha buracos, o soro saía em volta. Conforme a gente ia espremendo o leite ia saindo, e a gente acabava de fazer o queijo. Virava-o, punha-lhe um bocadinho de sal de um lado, outro bocadinho de sal do outro, e assim ficava o queijo feito. Ali deixava estar com o acincho dois a três dias, tirava-lhe o acincho, ficava o queijo direitinho para secar. Quem queria comer assim fresco comia. E quem não queria, secava.

Tínhamos muito queijo. Tínhamos duas vacas a dar leite e tínhamos duas ovelhas e cabras. Fazíamos aí muito queijo e vendíamos. Havia sempre quem comprasse. O queijo de cabra é o queijo mais caro hoje. Mas o queijo de ovelha torna-se muito mais macio. Queijo bom, maciinho, é o de ovelha. O de cabra é um bocadinho mais para o duro. O de vaca também é bom. Também é mais para o macio. Quem me dera hoje comer desse queijo que eu fazia.

"Os nossos queijos valiam um dinheirão"

O padroeiro de Chãs d'Égua é São João Baptista. A festa é em Agosto. Antigamente era mais ou menos como é hoje. É a missa. No fim da missa é a procissão, em que saem os santos todos e levam a música. No fim é o almoço. À tarde primeiro há um leilão de ofertas, e no fim há bailes, há ranchos, conjuntos. Isso tudo. Há bailes até às tantas da manhã. As ruas eram todas enfeitadinhas com flores, pelas portas. Era bonito.

Nesse dia come-se a chanfana feita no forno. A gente temperava numas caçoilas, isto para quem quiser fazer um comer saboroso é em barro. Um caçoilas de barro, faz os tempêros, louro, serpão, alho, cebola, colorau, vinho branco. Há quem ponha tinto, mas eu uso sempre na chanfana vinho branco. Gosto mais. Fica que é uma maravilha. E fica melhor que nos outros tachos. Fazia-se também a galinha, frango, arroz-doce. Era sempre muito arroz-doce que a minha avó fazia. Às vezes, fazíamos aos 5 quilos de arroz-doce. Eu ia à Vide buscar 5 quilos de arroz e acabava-se por estragar. Naquele tempo não havia frigoríficos não havia nada. E tigelada, também, bolos no forno.

A tigelada é com leite, ovos e açúcar e quem quiser pôr um bocadinho de canela fica mais saborosa. Ainda hoje faço na mesma. A gente fazia no forno enquanto cozia a broa. Fazia filhoses. As filhoses é farinha triga, ovos, açúcar, um bocadinho de fermento, um bocadinho de aguardente, um bocadinho de azeite e um bocadinho de sal. Para as filhoses da cozinha. E do forno é mais ou menos a mesma dose. Mas eu adoro fazer filhoses. Faço-as fritas. Primeiro faço a massa, ponho um bocadinho de fermento para levedar. Vendo que elas estão boas para fazer, eu faço assim: ponho um bocadinho de óleo numa tacinha, esfrego um bocadinho na mão que é para a massa não agarrar. E esfrego até ficar bem redondinha, ponho-as na mão, espicho-as bem espichadinhas, estico-as bem esticadinhas, ponho-as na frigideira ficam altas muito boas, crescem ali que é uma maravilha. Ficam muito boas.

No leilão eu quero oferecer uma garrafa de aguardente, outro quer oferecer uma garrafa de vinho, outro quer oferecer um queijo, outro quer oferecer um chouriço. E daí botam a lanço. Agora eu ofereço cinco, outro oferece dez, outro oferece 15, e andam sempre "pia cima"¹. Isso é que chamam as ofertas para fazer dinheiro para a Comissão. Mas faziam aos 300, e aos 400 e aos 500 contos assim nisto. Dava muita oferta. Nós dávamos mais era queijo. Como tínhamos muitos. Então os nossos queijos tinham uma fama. Os nossos queijos aquilo iam para um

¹por aí cima

dinheirão enorme. Chegava a valer mais de dez contos. E, naquela altura, dez contos era muito dinheiro. Todas as pessoas os queriam. Era aumentar o dinheiro para cima.

Em família

O Natal era vivido com a família, uns com os outros. Comiam-se as couves com bacalhau e as batatas e as filhoses. No outro dia, era a chanfana. E era perú, arroz-doce, tigeladas. Para ser diferente. Mas não havia prendas, porque não havia dinheiro para isso.

Na Páscoa, a gente ia à missa de manhã, e vinha o senhor prior dar as boas festas de casa em casa. Vinham as pessoas com as lanternas, outro com a cruz e vinha um senhor com um cesto a tirar o folar. O folar cada um punha o que queria. Um punha um queijo, outro punha um chouriço e punha ovos. Punha o que a gente quisesse. Agora não, agora é dinheiro. A gente põe um envelope num pratinho em cima da mesa, quando vem a cruz, um tira o envelope e leva.

"Era um dia de festa"

A matança do porco era mais ou menos pelo Natal. Para quem matava os porcos, a melhor altura era essa para secar o enchido. E no Verão não dava por causa da mosca, que podia pousar na carne.

Era um dia de festa. A gente juntava-se, tinha de ser mais gente para segurar o porco. Matava-os, e os homens chamuscavam-nos com umas carquejas. Raspavam tudo bem raspadinho, lavavam-nos e penduravam-nos. E daí abriam-nos, para tirar as tripas. Cozia-se o sangue num caldeiro grande. Ao fim de estar cozido já começavam a comer o sangue. Comiam e bebiam. E no fim de tirar as tripas, a gente ia-as extremar. A gente extremava as tripas, tirava o entretinho da tripa. É como matar uma galinha, tem a tripa, a gente tira devagarinho com as mãos, começa numa pontinha, a eito, a eito, a eito e tira-se tudo. Separa-se uma coisa da outra. E é isso. A gente ia lavar as tripas e dali é que a gente fazia o enchido. E ainda hoje o é. No fim é a carne. Quem quiser miga a carne bem miudinha e tempera. Depois deixa estar uns dois dias no molho, faz-se os temperos, estando em modo para encher as chouriças põem-se a secar ao fumo. Ali é que se faz o enchido. O resto da carne ficava em sal numa arca. Chamávamos a salmoira. Púnhamos ali a arca com bastante sal, bem salgadinha, ali é que se aguentava. A gente quando queria ia lá buscar. Os lombos podíamos cortar aos bocadinhos e púnhamos-lhe sal e os temperos. Fritávamos, púnhamos numa panelinha com azeite para conservar. A gente queria por uns dias, ia lá

tirava e comia. Punha a aquecer para tirar aquele azeite e comia, era muito bom, muito gostosinho. Os presuntos a gente salgava na arca, tirava-os e pendurava-os para secar, punha-se um bocadinho de colorau, para se aguentarem para mais tarde.

Broa rija

Também se cozia a broa. A gente moía o milho no moinho, ao fim cozia a broa no forno. A gente amassava as broas, aquecia o forno, tendia as broas, punha-as no forno a cozer para a gente comer. Duravam oito dias, quinze dias. Às vezes já rija, não havia outra coisa. Não havia estradas para a gente ir buscar nada. Acabando-se a broa ou vendo que ia acabar voltávamos a cozer mais.

Tínhamos os moinhos, mas era com água. Cada um tinha o seu dia, dois ou três dias para cada pessoa. Agora já não trabalham. A gente levava o milho, normalmente ia à noite, outro dia de manhã já estava moído. Trazia a farinha, para cozer.

Fazer o azeite

Ainda fazemos azeite, mas já não moemos. Levámos à Bobadela. Mas em Foz d'Égua havia um lagar. Era ali que a gente ia moer a azeitona. É ao pé da represa. Toda a gente lá podia ir. Pagavam um tanto para os donos do lagar. Para fazer o azeite primeiro tinha de se apanhar a azeitona. Tinha um pio, e botavam para ali a azeitona. Tem uma galga em volta e a galga andava ali em volta, a moer, a moer, a moer, a azeitona. E vendo que a azeitona estava moída, tem umas seiras grandes, com um buraco ao meio, botam para ali a massa para dentro, espalham-na bem espalhadinha, ao fim põem outra ceira por cima, vão trazendo assim a massa lá do pio. No fim de estar pronta, carregava com um peso de cima, que tinha uma vara, a vara andava em volta, em volta, em volta para espremer o azeite para a tarefa. As tarefas são umas coisas grandes em pedra milheira, umas coisas quadradas, para onde ia o azeite. Daí a um bocado o fio era escaldado botando bastante água quente. Ao fim vendo que estava em modo, assentava no azeite. Estando em condições era medido para a gente.

Cruzinha nas fazendas

As cruces nas portas é do dia de Santa Cruz, dia 3 de Maio. Eu nunca pus isso em casa, só nas fazendas. Faço uma cruzinha, ponho um bocadinho de louro,

um bocadinho de oliveira, faço assim um raminho e ponho na fazenda. Mas em casa nunca pus. Dizem que é bom pôr essas coisas. A gente não sabe, já vem do antigo.

"Nunca vi nada"

Eu, antigamente, ouvia falar no João Brandão. Parece que tinha uns cavalos, que os punha a comer na arca do milho das pessoas. Entrava na casa das pessoas e punha os cavalos a comer nas arcas do milho e ninguém lhe podia dizer nada porque senão ele depois matava-os. Também ouvi falar no Oliveirão, mas já é muito antigo para mim. E falavam dos lobisomens. Que até apareciam para aí, às vezes, de noite. Que assustavam as outras pessoas. Antigamente diziam que apareciam. Por mim nunca vi nada.

Lugar *Passado e futuro*

Roupa quentinha

Antigamente, no Inverno havia muita neve, muito frio, muita chuva e vento. Muito mais do que agora. Naquele tempo havia aí semanas que a gente queria ir buscar um bocadinho de mato para os animais, e não se podia com tanta neve. A neve ao fim congela e nós ficávamos aos oito dias sem poder sair. A gente queria ir à hortaliça, estava tudo cheio de neve. Quando chovia derretia mais depressa, mas quando não chovia estava mais tempo. O meu pai comprava sempre umas saínhas de lã. Muito quentinhas, que até eram aos quadrados, muito giras. O meu pai e a minha mãe compravam um fatinho quentinho para o Inverno. E a minha mãe também usava sempre umas saias muito quentinhas no Inverno. Mandávamos fazer. Tenho uma irmã que está em Lisboa que começou a aprender qualquer coisa de costureira. E ela fazia para nós que éramos mais novas. Nunca me lembro de passarmos frio.

Mais transportes

O que eu gostava de ver mudado era que as fazendas estivessem todas cultivadas. Vir mais pessoal, que não há, e que cultivassem as fazendas como era antigamente, tudo cultivadinho. Isso é que eu adorava. Tenho muitas saudades disso. Mas não há transportes para isso, para as pessoas virem para esta aldeia.

Uma pessoa quer ir a Arganil, a carreira é só à quinta-feira, vem ao Piódão às seis e meia da manhã e nós levámos uma hora e tal daqui para lá, para irmos apanhar a camioneta ao Piódão. Como é que a gente vai de noite, por um caminho estreitinho, de Chãs d'Égua para o Piódão apanhar a carreira às seis e meia, no Inverno a chover? De táxi para Arganil pago 100 euros. Para lá e para cá. Isso é que a gente está aqui numa coisa que ninguém quase pode vir. Era ao menos uma carreira que viesse a Chãs d'Égua, sempre era mais perto.

Banho num alguidar grande

Antigamente não havia luz. Era com um candeeiro de petróleo que a gente ia vendo. Não havia outro meio. E a água nas casas também foi mais tarde. Tinha que a gente ir buscar longe. Para tomar banho e para tudo. Tomávamos banho num alguidar grande. Tinha de ser. Não havia outra solução. Aquecíamos a água e no fim tomávamos banho. No Verão quase que não era preciso. Mas no Inverno a água era fria, tínhamos de aquecer. Às vezes, à noite, íamos todos em fila para ir à água. Nós e os meus vizinhos. Já de noite, escorreguei, eram cântaros de barro antigamente, parti o cântaro, molhei-me toda. Para lavar a roupa tinha de se ir ao tanque. Fizemos um tanque grande, em cimento. Tapávamos ali a água e ali é que lavávamos. Estávamos lá nós e as minhas vizinhas. Era um trabalho de mulheres.

Levada numa cesta

Na Covita não havia médicos. Quando era pequenita fui só uma vez ao médico. Foi uma queda que apanhei, apanhou ferida, teve de ser lancetado, tive de ir à Vide. A minha mãe, mais um irmão meu que está em Lisboa, levaram-me numa cesta. Eu era pequenina. Lá o senhor doutor na Vide é que me lancetou e ainda tenho uma costura. De resto era um senhor no Piódão. Chamava-se senhor Arnaldo. Morava perto da Casa da Padaria. Numa casa ali à esquerda onde tem uma capelinha das almas. Ele morava ali. A gente quando era uma coisa qualquer, ia lá e ele receitava qualquer medicamento de ervas e tudo mais passava. Era melhor do que hoje os médicos que cá vêm. Que dão comprimidos, injecções. Ele era muito bom. Mas não era médico. Só dava assim coisas de ervanárias. Mas as pessoas curavam-se com aqueles medicamentos. E hoje a gente toma, toma e não se cura.

Eu até sofria muito da garganta, das anginas. Ele deu-me umas ervas que a minha mãe até ia apanhar. Cozia, tomava aquele chá, para bochechar na garganta. Passava-me logo. Para as dores de barriga diziam que era raízes de morangos

e barba de milho. Em chá. A gente lavava-a bem lavadinha, raspava-a bem raspadinha, deixava-a cozer bem cozidinho com a barbela do milho e estando a água morna bebia-se. Fazia bem à dor de barriga. Era bom que passava.

Correio em troca de comida

Os correios era muito difícil. Vinham de Pomares para o Piódão. Vinha uma senhora do Piódão trazer a Chãs d'Égua. Que havia lá uma tabernazita, e ali é que deixava a correspondência. E havia uma senhora, era uma velhotazinha, era de idade, é que ia buscar as cartas e andava aí pelas quintas, a pé, a distribuir pelas pessoas. Ela era pobrezinha e era para lhe darem qualquer coisinha para comer. Ao fim, mais tarde, começou então a vir o carteiro do Piódão, também a pé, a dar a volta aqui pelas terras. Andava no Piódão, vinha a Chãs d'Égua, às quintas, a Foz d'Égua, Torno, e ia outra vez para o Piódão. Agora, há uns anos, acabou isso e vem da Vide e dá esta volta toda.



Maria de Jesus Castanheira com o marido

Sonhos "*Nisto vou morrer*"

Não me lembro de nada que era para fazer e não fiz. Gosto muito de trabalhar no campo, desde sempre. Hoje é que não posso trabalhar, não tenho saúde. Mas gostava muito, adorava o campo. Trabalhar em tudo. Cavar terra ao pé de qualquer homem, semear milho. Cavar batatas, gosto muito de cavar

batatas. Gosto um pouco de tudo na agricultura. Fui criada nisto. Nisto vou morrer. Antigamente éramos mais felizes do que somos hoje. Muito mais alegres. As pessoas cantavam muito, muito, muito, quando andavam lá em cima no campo, no tempo da rega, a regar os milhos. Só se via gente a cantar para um lado e para o outro. Era uma alegria. Hoje só se ouvem os pássaros.

Avaliação Os novos não sabem

Acho muito bem. Acho que as pessoas mais novas não sabem o que a gente passou antigamente.